

A PREPOSIÇÃO *PARA* E O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO REFERENCIAL

Paula de Souza GONÇALVES¹

RESUMO: Propomos um novo olhar sobre a preposição “para” com base em exemplos extraídos de um *corpus* composto por jornais do estado de São Paulo. Fundamentando-nos na Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas (TOPE) e na abordagem do fenômeno referencial, temos como objetivo central analisar as funções de “para” em diferentes contextos e as implicações de seu uso, buscando contribuir para a elaboração de uma gramática enunciativa da língua portuguesa. Constatamos que a definição de “para” remete a um mecanismo abstrato que, de um lado, delimita o seu contexto de inserção ao fornecer as condições para que a preposição possa ser verificada em discurso, e, de outro, é por esse discurso configurado. A análise resulta em reflexões importantes para a semântica preposicional, já que auxilia a compreender de que maneira ocorre a efetiva integração entre definição gramatical e uso linguístico.

PALAVRAS-CHAVE: Preposição *para*. Operações Enunciativas. Enunciado. Antoine Culioli.

Introdução

O presente trabalho propõe uma definição para marca *para* baseada em suas operações predicativas e enunciativas. Para a realização deste intento utilizaremos o suporte teórico-metodológico da Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas (TOPE) do estudioso francês Antoine Culioli.

¹ Programa de Pós-graduação em Linguística e Língua Portuguesa, Faculdade de Ciências e Letras, UNESP, Araraquara, SP, Brasil. psouzag@yahoo.com.br

O contato com tal teoria fez nascer inquietações, que já existiam desde o trabalho de iniciação científica com as preposições, sob o enfoque da Sociolinguística, levando-nos à busca da natureza da variação² nos empregos da marca, de como o enunciado é organizado quando do uso de uma ou de outra preposição e quais são as operações que uma gera em determinado enunciado para ser preferida em detrimento de outra.

Enxergamos a marca *para* de um centro de perspectiva, a partir do qual orienta-se a construção de sentido. A preocupação, portanto, não é apenas com a introdução, articulação e desenvolvimento dos constituintes do enunciado, mas também com a natureza das operações que levam a enunciações reportadas para a enunciação atual ou projetadas para uma outra enunciação, a partir da marca *para*.

Trabalhamos na busca da natureza operatória, o *processo* de produção e reconhecimento de enunciados emitidos pelo falante/ouvinte numa situação de interação verbal. Tentamos, a partir de uma análise aprofundada, remontar em direção à superfície, ou seja, trabalhamos na busca dos processos que levaram às categorizações (substantivo, adjetivo, *preposição*, entre outros) que são por nós consideradas superfície da língua. A partir dessas constatações, buscamos construir regras que só em seguida se dariam como sintático-semânticas no sentido de chegarmos a uma gramática de produção e não a um reconhecimento dos arranjos da linguagem. Nesse sentido, desconstruímos o enunciado, ou, como prefere o professor Antoine Culioli trabalhamos numa reconstrução parafrástica para termos acesso às operações que permitiram a realização do enunciado.

Consideramos que os estudos seccionados (morfologia, sintaxe, fonologia, etc.) ficam numa crosta, porque estudam a língua fragmentadamente. A TOPE proporciona um olhar mais amplo no sentido de procurar as operações predicativas e enunciativas que levaram a tais divisões. Estamos à procura das operações de linguagem que estão subjacentes às várias marcas presentes nas línguas. Nosso estudo diferencia-se por preocupar-se com as propriedades que conferem uma identidade à marca em estudo, explicando a natureza de suas operações.

Justificado o tema de nosso trabalho, é importante ressaltar que temos o propósito de aprofundar os estudos sobre a preposição *para* e demonstrar que

² A falta de atenção às preposições e às suas variações na gramática tradicional e a falta de atenção à própria invariância da linguagem tornaram-se pontos primordiais a serem discutidos em nosso trabalho. Neste momento, empregamos o termo “variação” com o sentido de “alternância” entre uma preposição e outra de acordo com os pressupostos da Sociolinguística.

ela pode ser analisada como sinal de uma operação de relação que, aplicada a vários fenômenos, pode fornecer valores múltiplos. A natureza da marca é instaurar um programa específico pelo qual é estabelecida uma relação entre termos conduzidos à sua apresentação metalinguística por meio das operações de orientação. Logo, podemos dizer que trabalhamos as variações de uso decorrentes dessas operações de orientação da preposição *para*, na busca das causas e da natureza da variação (entendida, sob nossa perspectiva teórico-metodológica, como as famílias parafrásticas que podem proliferar a partir de um enunciado que contém uma marca, ou seja, a variação seriam as “n” possibilidades de se parafrasear um enunciado).

Nosso interesse insere-se em um contexto de muitas inquietações, dentre elas, a tentativa de compreender como se poderia operar a passagem de uma linguística que se ocupa em descrever e compreender mecanismos a um outro tipo de linguística, que se ocupe realmente das condições de emprego da língua.

Antoine Culioli, na TOPE, considera a enunciação como um processo de constituição de um enunciado, ou seja, um ato de construção. Posiciona-se contrariamente à dicotomia artificial entre *langue* e *parole*, optando por um método que parte de um olhar mais profundo, batizado por ele de “relações primitivas”. Propõe que se parta de observações de encadeamentos de superfície (as frases) para fixá-las a um esquema primitivo de constituição (as relações primitivas) e, partindo de um esquema, voltar à superfície para derivar uma ou várias famílias de paráfrases com as consequências semânticas que isso supõe, sendo a principal delas a de que é suscitada uma série de interpretações.

Assim, o processo de construção do enunciado envolve três etapas fundamentais: a constituição de uma léxis (a relação primitiva), a relação predicativa e a relação enunciativa.

A léxis consiste em um esquema primitivo a todo ato de linguagem, sendo que esse esquema possui três lugares: o predicado e dois argumentos. Ela é o que é dizível, anterior à realização por meio de uma proposição.

Não nos referimos à estrutura clássica sujeito-verbo-objeto, mas a algo que nos permita estabelecer uma relação R que possa abstrair-se na forma de uma tripla $\langle x R y \rangle$ sendo x a origem e y o objetivo de R.

Assim, a léxis seria um esquema geral e inicial que permite a relação entre esquemas de funcionamento sintático e os efeitos semânticos da origem da escolha do esquema de léxis (noção de orientação).

Essa noção de relação primitiva profunda pré-linguística é indispensável para compreender desde enunciados linguísticos simples até aqueles que abordam relações de causa, de inferência e de concessão.

A validação da referência dependerá do ponto de vista daquele que enuncia em relação ao que ele supõe ser o pensamento ou a posição de seu interlocutor e o que ele visa construir como sentido, deslocando um certo número de significações anteriores, presentes ou possíveis. Chegamos, dessa maneira, às relações predicativas e enunciativas. As relações predicativas vão ordenar os termos da léxis, uma vez inserido o sujeito enunciador, o qual decidirá o termo de origem; esse termo é que vai estabelecer uma relação predicativa entre os demais. Num segundo momento, temos as relações enunciativas que vão situar tal situação à situação de enunciação (ou seja, o que o sujeito pensa, o que espera que o outro pense).

Em outras palavras, o sujeito enunciador produz o enunciado com o propósito de transmitir alguma coisa para alguém, ou ainda, com o simples propósito de equilibrar-se. No momento da produção do enunciado, o sujeito enunciador dá forma ao sujeito do enunciado.

Dessa maneira, a relação enunciativa consolida a passagem de um pré-enunciado para um enunciado. Essa consolidação ocorre por meio das operações de determinação, da aplicação das categorias de tempo, de aspecto e das modalidades.

As propriedades marcadas em tantas relações enunciativas só nos são distinguíveis ou relacionáveis pelo fato prenderem-se a certos domínios, uma vez que emprestam tais propriedades do cultural, da experiência de mundo e/ou do senso comum. São esses domínios, chamados nocionais, que vão nos servir de fontes para categorizar os objetos e os fenômenos do mundo. Assim, chegamos ao conceito de *noção*,³ ou seja, aquilo que permite a criação de um domínio de sentido, de referência e legitima as relações predicativas. E o domínio nocional evocaria a idéia de conteúdo de pensamento, que será sempre norteadada pelo enunciador.

A partir dos pressupostos da TOPE, que serão melhor explicitados mais adiante, à medida que deles precisarmos para explicar nossos interesses neste estudo, manipularemos um enunciado por meio de glosas epilinguísticas e de paráfrases.

³ Sistema de representação complexo que estrutura propriedades físico-culturais de natureza cognitiva (noções lexicais, noções gramaticais) a partir da interação entre pessoas, pessoas e objetos, restrições biológicas, atividades técnicas, etc., sendo compreendida através de eventos enunciativos.

Dessa forma, analisar-se-ão as funções de *para* em diferentes contextos e as implicações de seu uso sob o enfoque da TOPE, buscando, assim, contribuir para a elaboração de uma gramática enunciativa da língua portuguesa.

A seguir, apresentaremos a teoria de Antoine Culioli esclarecendo alguns conceitos fundamentais dessa nossa abordagem teórica e nossas hipóteses de trabalho.

A articulação linguagem e línguas

Culioli considera a linguagem como uma atividade de produção e reconhecimento de formas como traços de operações simultâneas de representação, referenciação e regulação, o que se resume a uma reconstrução de enunciados⁴ e, o processo de construção desses enunciados seria a própria enunciação.

O fundador do “princípio enunciativista” considera que *le linguiste produite des observations (des énoncés) et travaille sur des valuations: <c’est la même chose; c’est différent; c’est la même chose à telle modulation près; c’est acceptable; c’est inacceptable>*.⁵

Percebemos, assim, que Culioli trabalha com enunciados e não com palavras, que são unidos de maneira a formar uma corrente de pares mínimos cuja reunião resultaria em um problema. Ou seja, quando falamos ou escrevemos, temos um processo de organização parafrástica, ambigüização e desambigüização. Isso acontece pelo fato de termos, no processo de produção e reconhecimento do enunciado, um trabalho parafrástico.

Assim, devemos fazer manipulações para chegar aos enunciados e, mesmo que cheguemos a sequências impossíveis, isso será de grande importância para nosso estudo. Trata-se de um trabalho que pode tanto ser feito intra-língua como entre línguas, uma vez que, nessa teoria, se procura uma forma mais abstrata que estaria subjacente, por exemplo, às várias línguas.

A linguagem, sob esta ótica, é um trabalho constante de representação, seguido de um processo de referenciação da mesma. Essa atividade de representação

⁴ Para Culioli, o “enunciado” é um agenciamento de marcadores, os quais são traços de operações, ou seja, ele é a materialização dos fenômenos mentais aos quais nós não temos acesso. É por isso que Culioli propõe a representação desses fenômenos por meio da metalinguagem.

⁵ Culioli, A. **Pour une linguistique de l'énonciation** : opérations et représentations. 2. ed. Paris: Ophrys, 2000. p. 23.

ocorre entre o “eu” e o “outro”, sendo que o outro pode ser o mesmo “eu”, ou seja, o indivíduo regulando-se e equilibrando a si mesmo. Isto conduz a um questionamento da linguagem enquanto uma forma de comunicação: o indivíduo como emissor e receptor ao mesmo tempo. A fala seria, então, não uma comunicação, mas uma ação que desencadeia vários processos.

Também dentro dos pressupostos da TOPE, chama a atenção a visão do significado e da sintaxe como inseparáveis numa variedade de linguagem. Ou seja, o texto é um arranjo léxico-gramatical em que devemos encontrar o sujeito sócio-psicológico e enxergar a língua como uma questão de auto-organização do ser humano. Trata-se de uma teoria que propõe que se observem valores semântico-discursivos veiculados por marcas de diferentes ordens (entoacional, lexical, morfológica, etc.) geradas na relação léxico-gramatical.

A utilização desses pressupostos em nosso estudo acerca das operações que regem o uso da marca *para* viria a ajudar a aumentar o saber sobre a linguagem, sobre a interface e as relações entre cognição e representação. Chegaríamos a isso ao manipularmos textos para produzir enunciados impossíveis, comparando-os com os possíveis, na tentativa de descobrir a origem de suas incongruências, mostrando a invariância que constitui a família parafrástica.

Para Culioli (1984), o objeto da linguística é a linguagem apreendida por meio da diversidade e dos registros das línguas naturais, o que justifica nossa opção por trabalhar a preposição PARA da língua portuguesa e suas variações de uso, no intuito de evidenciar o generalizável, isto é, um esquema operacional que seja comum a todos os seus empregos.

O estudioso admite que, dentro das línguas, existem configurações de marcadores, que são profundamente diferentes, e justifica que é por meio da diversidade das línguas e também dos textos que encontraremos a invariância da linguagem.

Em suma, nosso estudo abrange questões eminentemente filosóficas, tais como: qual o objeto da linguística (articulação entre linguagem e línguas) e como tratar a relação entre a materialidade do texto e a imaterialidade da atividade significativa dos sujeitos.

Assim, partimos da hipótese de que haja uma atividade mental que se regula sem que nós tenhamos consciência. A materialidade do texto é o traço dessa atividade mental, ou seja, nele constrói-se uma sorte de traço metalinguístico que nos permite remeter a essas operações.

Metodologia⁶

A teoria de Culioli tem por objetivo o estudo sistemático da significação quando ela é linguisticamente acessível, isto é, nas seqüências textuais. Para tanto, estabelece uma relação dialógica entre a linguagem (faculdade universal de produzir e interpretar textos por um processo de operações generalizáveis) e as línguas, sistemas de representação que têm regras próprias de organização e cujos traços são empiricamente observáveis.

O objetivo é procurar a linguagem nas línguas (nos dados linguísticos) na busca das invariantes processuais responsáveis pela variação. Trata-se de uma teoria muito abstrata, fato que explica não encontrarmos nela algo específico sobre uma “categoria gramatical”⁷, como a marca *para*; mas é exatamente por ser tão abstrata que acaba por explicar nosso estudo de maneira satisfatória.

É essa abstração que vai permitir o propósito de trabalho de Culioli, sem que seja necessário retalhar a língua em fonética, fonologia, morfologia, etc., retalhamento que não nos traz uma visão do “todo” da linguagem.

A linguagem, dentro desta abordagem, é entendida como uma prática, uma capacidade pertencente a todos os seres humanos de construir símbolos, representações, dos processos de síntese (indução) e de elaborações de análise (dedução). E as línguas naturais seriam o produto dessa atividade, uma vez que a linguagem constitui um trabalho de elaboração de representações, uma forma processual construtora de conteúdo, inata ao homem. Por isso, um dos meios para se ter acesso a essa forma construtora são as expressões verbais dos indivíduos, envolvendo a alteridade que permite a constituição do EU. E esse diálogo entre o eu e o outro permite-nos afirmar ser a linguagem uma atividade de representação, referenciação e regulação, desenvolvendo-se por meio de sistemas de representação, por exemplo, as línguas, empíricos.

A TOPE recorre a paráfrases e glosas⁸ por trabalhar com uma questão de auto-organização do ser humano. Como linguistas que somos, cabe-nos trabalhar o material simbólico organizado por meio das línguas naturais, que é caracteriza-

⁶ Esta seção de nosso trabalho foi elaborada com base em Rezende (2000), em aulas de pós-graduação de Letícia Marcondes Rezende e em Culioli (2002).

⁷ Utilizamos esta expressão com muito cuidado, já que para Culioli, o importante não são as categorizações, mas sim, as operações que levam muitos linguistas a categorizar.

⁸ O termo “glosa” representa, para nós, uma metalinguagem natural.

do nesta teoria como linear, e, além disso, não podemos nos esquecer do papel do extralinguístico que ladeia a criatividade da linguagem.

Essa teoria dos observáveis fornece-nos um instrumento de descoberta de fenômenos, permitindo-nos observar fenômenos que, se assim não fosse, ficariam despercebidos. Assim, a tarefa do linguista não é simplesmente justapor certos elementos a outros, mas sim, reproduzir os enunciados por meio de uma análise metalinguística.

Parte-se da ideia de que todos somos munidos do mesmo dispositivo de construção-desconstrução e de que tal dispositivo permite-nos recortar, conhecer as unidades e reconhecê-las como índices e/ou traços de operações, havendo um estoque de operações comuns entre os sujeitos, de tal maneira que poderíamos reconstruir algo que foi produzido por outro.

Cabe ao linguista construir uma metalinguagem objetiva que possa captar precisamente as propriedades da linguagem. E essa metalinguagem da qual falamos deve ter propriedades de exterioridade.

Além disso, a metalinguagem também concerne à questão do dizível e do indizível. Tudo o que descrevemos acima são processos dos quais, em geral, não temos consciência que se passam enquanto falamos. Língua e linguagem estão de tal maneira imbricadas que poderíamos dizer que são bagagens do ser humano, a linguagem como uma bagagem genética (a invariância) e a língua natural (a variação) como uma bagagem cultural; o formal e o empírico, respectivamente. De forma que o ser humano privado de uma delas não se desenvolveria.

Assim, a linguagem e o indivíduo ficariam entre esses dois pólos e a atividade discursiva os desestabilizaria. Por isso, a TOPE recusa a concepção de língua tomada como objeto da linguística e caracterizada como estática, invariante e homogênea; a TOPE procura a própria invariância, ou seja, a procura não está no produto acabado, mas, sim, nas inúmeras significações a que um enunciado (pensado, por exemplo) chega ao proliferar sobre si próprio. Percebemos, então, a forte ligação entre cultura e língua, ou seja, percebemos a inserção psicossociológica do falante que lhe permite notar as sutilezas da significação (estilo, ênfase, variáveis psicológicas e sociológicas, etc.), o que nos leva a enxergar a importância do papel do linguista ao estudar o processo de linguagem.

A abordagem aqui defendida é a de que, talvez, a atividade de linguagem dentro de uma mesma pessoa seja um processo semelhante ao que acontece entre as pessoas no todo.

Dentro dessa abordagem, consideramos a existência de uma atividade reguladora, epilinguística (trabalho silencioso de metalinguagem inconsciente), que realiza-se por meio das famílias parafrásticas e tem natureza explicativa. A atividade epilinguística permite também glosar, o que consiste em algo de natureza explicativa mais livre do que a paráfrase. Glosa e paráfrase buscam explicitar nas formas os mecanismos linguísticos.

Assim, para Culioli, o linguista deve procurar e descobrir os fenômenos (os fatos), e, deve explicá-los.

Concluimos que a TOPE procura a elaboração de um sistema de representação metalinguístico cujo instrumento metodológico é, sem dúvida, a metalinguagem que permitirá uma visão mais refinada da linguagem pelo linguista com suas glosas epilinguísticas. Culioli intui reconstruir as noções primitivas, as operações elementares, regras e esquemas que geram as categorias gramaticais e arranjos específicos de cada língua.

É por esse motivo que, para ele, o linguista deve alcançar muito mais do que meras propriedades classificatórias; deve construir um sistema de representação metalinguística, uma teoria dos observáveis e formular problemas.

Assim, em nosso estudo com a marca *para*, trabalhamos com uma forma de sentido abstrata dela, que seria o resultado de operações, e simulamos essas operações com a marca por meio de um sistema metalinguístico de representação. O enunciado jamais está sozinho, sendo, segundo Culioli, sempre construído por meio dessas operações discutidas até o momento, e colocado em relação com todo o texto (contexto) e com a situação. Sua avaliação se dá a partir dessa relação.

Leitura de um enunciado

Tomamos como base um *corpus* jornalístico e nele analisamos um enunciado com a preposição *para*, com o intuito de ilustrar nossa proposta de trabalho. Apresentaremos apenas a análise de um enunciado em virtude da limitação do número de páginas neste artigo.

Fundamentamo-nos no fato de as definições comumente atribuídas à marca *para* serem insatisfatórias, por não considerarem todas as variações semânticas decorrentes da língua em uso, impedindo, muitas vezes, a compreensão da interação observada entre a própria preposição e a sua estrutura contextual. Buscam-se defi-

nições, não na origem do processo significativo, mas no término, reduzindo-as a um valor semântico meramente contextual do fato linguístico analisado.

Com base na teoria das operações predicativas e enunciativas, adotaremos uma concepção gramatical que, ao constituir a identidade semântica da unidade morfolexical⁹ em questão, revela e traduz a dinâmica da interação. Essa identidade da qual falamos só é apreendida pelas interações contextuais, o que vem a justificar nosso trabalho de análise, levando-nos aos princípios de seu funcionamento.

A título de exemplo de nosso estudo do funcionamento da marca *para*, examinaremos o seu comportamento em um enunciado retirado do jornal *Folha de São Paulo* do dia dezessete de março de 2007. Optamos por um *corpus* jornalístico por já termos trabalhado com esse tipo de material e também pelo fato de acreditarmos que, apesar de ser considerado um texto objetivo, a ambiguidade seja constitutiva da linguagem, o que dificulta, assim, a possibilidade de encontrarmos um texto totalmente objetivo. Trata-se de um *corpus* interessante para nosso trabalho também pelo fato de a TOPE constituir uma teoria da produção de texto: quando escrevemos, achamos que não ficou bom, apagamos e sempre ficamos com a versão final. Pretendemos recuperar e observar esses processos anteriores à produção do texto, os quais representam um trabalho por parte do indivíduo, ou seja, são linguagem.

Outro fator interessante com relação ao *corpus* jornalístico é que muito foi feito até que se chegasse à versão final, uma vez que o jornal sempre busca eliminar a ambiguidade que é inerente às línguas naturais, ou seja, veremos que ela sempre estará presente, mesmo num *corpus* dito formal em relação ao nível de linguagem.

O fato de termos escolhido um *corpus* atual e de linguagem mais formal não alterará em nada nossas conclusões a respeito das operações predicativas e enunciativas da marca *para*, uma vez que, a identidade da unidade é definida pelo papel específico que ela representa nas interações constitutivas de sentido dos enunciados dentro dos quais ela é colocada em jogo. E esse papel específico, do qual falamos, só é apreensível através da variação dos resultados dessas interações.

A nossa leitura dos enunciados nos levará a observar a organização enunciativa em questão, o que implica analisar o aspecto sintático-semântico-discursivo, para então, chegar ao verdadeiro papel da marca *para*. Para isso, como já disse-

⁹ Usamos “morfolexical” embora discordemos desse tipo de categorização. Porém, filiados a uma escola que, constantemente, baseia-se em categorizações, usamos esses termos para sermos minimamente compreendidos.

mos, levaremos em conta os pressupostos do modelo culioliano de análise linguística, procurando, a partir das marcas dos enunciados, recuperar as ações que os sustentam.

Justificado o *corpus* e apresentada a metodologia de nosso trabalho, restamos colocá-lo em prática. Examinaremos o comportamento da marca *para* no enunciado abaixo:

- (1) O prefeito anunciou que já negocia a doação de áreas *para* outras três entidades: Ministério Público de São Paulo, uma associação de juízes e outra de contabilistas.
- (1a) O prefeito anunciou que já negocia a doação de áreas em benefício de outras três entidades.
- (1b) O prefeito anunciou que já negocia a doação de áreas para outras entidades também se beneficiaram. * (VALOR ASPECTO-TEMPORAL)
- (1c) O prefeito anunciou que já negocia a doação de áreas para outras entidades não reclamarem.
- (1d) O prefeito anunciou que já negocia a doação de áreas para que outras entidades revendam.
- (1e) O prefeito anunciou que já negocia a doação de áreas. (AUSÊNCIA DA MARCA).
- (1f) O prefeito anunciou que já negocia a doação de áreas <de maneira que outras entidades também tenham o benefício de possuí-las> (SUBSTITUIÇÃO DA MARCA POR UMA FRASE).
- (1g) O prefeito anunciou que já negocia a doação de áreas, logo, outras entidades também se beneficiarão (CONCLUSÃO LÓGICA).
- (1h) O prefeito anunciou que já negocia a doação de áreas para que outras entidades também se beneficiem (FIM).

No enunciado (1) podemos inferir uma interpretação de base, a de que o prefeito anunciou que já negocia a doação de áreas em benefício de outras três entidades. Mas, sabemos que a marca *para* pode trazer muitas interpretações e que, portanto, é preciso saber as operações que envolvem tal processo. De acordo com a nossa perspectiva, não devemos apenas ater-nos às categorizações da gramática tradicional, ou seja, as categorias não devem ser interpretadas como um dado, mas como um constructo resultante de operações concatenadas cujas pistas estariam no próprio enunciado, tais como, a marca *para*. Pensamos que uma única

unidade pode servir a múltiplos objetivos, ou até, relacionar-se a várias categorias. A falha da gramática tradicional está, exatamente, em não dar importância a todos os processos de linguagem. Assim, para evitar tais falhas, tentaremos, como se segue, fazer um estudo minucioso das operações e processos da linguagem a partir da marca que escolhemos para estudo.

Se partirmos para enunciados como (1a) e (1b), poderemos ver que os encaideamentos da marca *para* influenciam, inclusive, no valor aspecto-modal, uma vez que, se compararmos esses dois enunciados, veremos a incompatibilidade e a rejeição que temos ao ler (1b) (contra-leitura), exatamente por causa do papel intrínseco da marca *para*. Fazemos essa reflexão porque o papel da marca é de projetar algo, no caso “a negociação da doação de áreas” em relação às outras entidades, ou seja, em benefício das outras entidades. Nossa idéia de que *para* carrega consigo uma noção de *posse*¹⁰ aparece neste enunciado, uma vez que as áreas passarão a possuir a propriedade de serem *para* as entidades citadas. E, ao mesmo tempo, podemos dizer que o termo “entidades” vai especificar essa propriedade. No caso deste enunciado, parece bem concreto esse pensamento, o que talvez leve o linguista a pensar que se trata de uma análise um tanto simplista, já que “doação” está relacionada ao domínio nocional de “posse”. Mas, nesse enunciado, fica bem evidente a questão da posse projetada pela marca *para* porque o enunciado colabora para isso, embora nem sempre isso aconteça e a marca, mesmo assim, continue “carregando” essa noção.

A rejeição ao enunciado (1b) está relacionada ao fato de a marca projetar algo para um futuro que é o futuro da enunciação. Dentro dela enxergamos dois instantes: o Ti (instante anterior à enunciação, que não está instanciado, plano virtual) e T0 (instante da enunciação). O instante da enunciação tem que ser posterior ao anterior à enunciação, logicamente, já que a marca faz uma projeção que, pelo contexto, tem que ser para um futuro. Isso não ocorre no enunciado (1b), de onde vem o estranhamento causado, o que nos mostra o quanto a marca está envolvida com a questão aspecto-temporal.

O enunciado (1c) já aguça nossa sensibilidade à polissemia (indeterminação da marca) e do jogo complexo de sentidos que dela resulta. Isso ocorre porque o enunciado (1c) mostra uma finalidade para a doação de áreas, por exemplo, “para

¹⁰ Empregamos esse termo em um sentido muito abstrato, como a apropriação de uma característica. Vale ressaltar que essa “posse” não tem apenas a ver com o domínio nocional de “doar”, mas com a natureza intrínseca da marca, como pudemos constatar em pesquisa realizada durante o mestrado (GONÇALVES, 2008).

que as três entidades não reclamem”. Apesar disso, podemos pensar além de uma simples finalidade (projetada por *para*) e constatamos que a marca está projetando algo e que esta finalidade (intenção) nada mais é do que uma transferência, ou seja: “O estado anunciou que já negocia a doação de áreas com a finalidade (o intuito) de que essas áreas passem a ter propriedade de ser para as entidades e que estas, portanto, não tenham motivos para reclamar”. Essa idéia é, sem dúvida, transmitida pela marca. Diríamos que é uma projeção que, de certa forma, está ligada à questão da posse e também a uma finalidade. Todas essas operações, como pudemos perceber até o momento, giram em torno da marca *para*.

É importante observar em (1a), (1c), (1d), (1f), (1g) e (1h), por exemplo, a projeção que a marca confere aos enunciados, ou seja, o prefeito negocia a doação de áreas, com o intuito de algo, o que permite-nos imaginar, projetar esse algo, que, no caso, seria um benefício às outras entidades, atribuindo às áreas a propriedade de serem para as entidades. A projeção da marca está relacionada aos instantes da enunciação (Ti-T0). Vemos, dessa maneira, que ela está, em todas essas paráfrases e glosas, envolvida com a noção de projeção e de posse. Apesar disso, essa posse pode ou não vir a se realizar, ou seja, a marca possui esta característica e sempre irá projetá-la, podendo ela realizar-se ou não, pois *para* atribui ao termo que está à sua esquerda uma propriedade que, independentemente da marca, não haveria ou não seria especificada.

O interessante é que essa atribuição pode ou não vir a se realizar e o que consideramos importante é exatamente esse jogo, essa ambiguidade que a marca causa no enunciado e que só poderá ser solucionada pelo contexto extralinguístico que, por sua vez, engloba o sujeito em nossa discussão.

Vejamos o enunciado (1c):

(1c) O prefeito anunciou que já negocia a doação de áreas para outras entidades não reclamarem.

A ambiguidade é acentuada no sentido, inclusive, de faltar informação para entendê-lo. Se não, pensemos da seguinte maneira: O prefeito anunciou que já negocia a doação de áreas para outras três entidades não reclamarem. Neste caso, a doação é para tais entidades ou não? Dada a ambiguidade presente em tal enunciado, não sabemos se essas entidades estão prezando o benefício de outrem com tais áreas, ou se o benefício é seu, como já dissemos. Podemos afirmar que a marca *para* trouxe uma ambiguidade ao enunciado, mas mesmo

assim a ideia de posse prevalece, se pensarmos que as entidades só não reclamarão se essas doações forem negociadas e realizadas, em benefício delas mesmas ou de outrem.

Lancemos mão do enunciado (1e):

(1e) O prefeito anunciou que já negocia a doação de obras.

Encontramos, neste enunciado, o mesmo caso do enunciado (1a), em que a ausência da marca causa a ausência de uma projeção e, além disso, parece que a negociação das áreas fica ao “deus-dará”, uma vez que o prefeito anunciou, mas não temos a menor ideia de quem será o beneficiário dessa ação. A ausência da marca revela claramente o seu papel no enunciado.

Em (1f) temos a substituição da marca por uma frase, o que acaba por explicar o papel de *para* (ou seja, parafraseia-o) mostrando a questão da posse projetada, assim como em (1g).

Já em (1h) evidencia-se a finalidade e *para que* exerce tal função em conjunto.

O enunciado (1d), “O prefeito anunciou que já negocia a doação de áreas para que outras entidades revendam”, mostra a questão da posse e parafraseia muito bem a questão que envolve a marca *para*, ou seja, a de que tais entidades só vão poder revender tais áreas porque *para* projetou essa posse em áreas, ou seja, as áreas passam a possuir a propriedade de pertencerem às entidades e, portanto, estas podem revendê-las.

Podemos enxergar a marca de um centro de perspectiva da delimitação do sentido do enunciado, ou seja, ela aciona operações que vão lhe conferir sentido.

Tomemos o presente enunciado no esquema *x para y*, em que *x* seria o doador e *y*, o alvo de doação. Por esse raciocínio, podemos perceber que a marca *para* projeta uma idéia de *posse* no termo à sua esquerda no instante anterior à enunciação, *Ti*, e, em *TO* essa projeção acontece e *x*, ou seja, as “áreas” passam a ser vistas como especificadas, por meio da marca, por uma propriedade que, a princípio, não existiria ou não lhe especificaria: as áreas são apreendidas como “áreas das entidades”. Isso é algo momentâneo, caso contrário, essa característica não precisaria lhe ser atribuída.

Podemos tornar nossa análise ainda mais completa ao observamos o elemento *y*, à direita de *para*, que delimita o que a marca projetará em *x*, isto é, serão essas três outras entidades citadas que receberão as áreas e que, portanto, passarão a

possuí las. Assim, em *Ti*, a marca tira de y a possibilidade de possuir as obras ao atribuir ao doador o poder de doar, e, conseqüentemente, tira das “áreas”, a especificidade de serem “áreas de entidades”. Mas, em *TO*, estabiliza a situação enunciativa ao consolidar a posse, uma vez que as entidades possuem a característica de poder receber doações. A marca *para* liga todo o enunciado por meio de operações, uma vez que transfere a *posse* de algo para x (no caso, “poder de doar”), e esse algo não é algo qualquer, mas o que está à sua direita, ou seja, é y que passa a possuir o que foi doado a x.

A perspectiva do sujeito em relação a este enunciado pode suscitar várias famílias parafrásticas uma vez que o empírico é muito importante quando do estudo da língua.

É interessante notar que outra preposição no lugar da marca *para* (a, por exemplo) suscitaria outras operações para a construção da significação do enunciado.

Percebemos com Cadiot (1991) que a marca *para* traz uma solução de continuidade enunciativa; traz também um pré-enunciado e para nós, ainda um pós-enunciado. Enfim, a marca é muito importante por acionar operações não apenas de natureza sintática, como se costuma encontrar nos manuais dedicados ao seu estudo, mas também de natureza semântica, pragmática, e enunciativa. É um centro atrator que não se resume à sua redução fonética e também não pode ficar preso a categorizações da gramática tradicional pelo fato de ser muito mais do que um simples relator.

Nesse sentido, deixamos aqui, também uma crítica aos estudos seccionados que, ao estudarem as preposições, formam listas de seus possíveis valores. Consideramos tal tipo de trabalho um pouco descompromissado com essas marcas, uma vez que elas são um constructo e contribuem para a significação do enunciado. Ao formarem listas, estão reduzindo as operações que as marcas suscitam; elas, por sua vez, dependem do todo do enunciado, mas nele também influenciam; estão negando a invariância da linguagem e sua dinâmica de funcionamento, além de estarem negando também o sujeito e seu contexto psicossociológico ao empregar uma marca.

Consideramos que a preposição não é apenas um simples índice da função gramatical do termo que a segue, ela desencadeia todo um processo de representação e referenciação dentro do discurso, porque a linguagem não é algo para ser rotulado. Segundo a TOPE, ela é “a capacidade inata de construir representações, referenciá-las e regulá-las”. Assim, tem-se que superar esses rótulos da gramática tradicional

para chegar-se à invariância da linguagem. É isso que tentamos mostrar na análise deste enunciado que ainda não está esgotada, pois os valores intersubjetivos e empíricos de *para* fazem parte de uma lista que está longe de ser fechada.

Se lançarmos mão de mais uma glosa, (1g), nosso conhecimento de mundo vai sofrer um estranhamento do tipo “esse jornal em que se encontra essa notícia é de quando?” A marca projeta um “futuro” que, em realidade, já passou, embora esteja representado por *para*. Esta preposição (dentro do enunciado, projeta um futuro em Ti) fica dividida entre A e B (A R B) e vai dar-nos *as obras adiadas*, e projetar quando ficarão prontas. Percebemos esse fato no que Culioli chama de relação predicativa. É por isso que esses níveis de enunciação são importantes, devemos recorrer a eles. É assim, e por meio da metalinguagem, que chegamos à *noção* da marca *para*, que está ligada à questão de posse e à noção temporal.

Conclusão

A definição de *para* em termos de um mecanismo abstrato que, de um lado, delimita o seu contexto de inserção ao fornecer as condições para que a preposição possa ser verificada em discurso, e, de outro, é, ao mesmo tempo, por esse discurso configurado, resulta em reflexões de grande importância no âmbito da semântica preposicional, e isso por permitir compreender de que maneira ocorre a efetiva integração entre definição gramatical e uso linguístico.

Concluimos que a atenção que é dada às operações de linguagem pela TOPE é de extrema importância para os vários estudos que têm sido feitos ao longo da história da linguística. Podemos afirmar que é um estudo que pode complementar (e ser complementado por) outras metodologias, como, por exemplo, a da Sociolinguística, que nos fornece dados de variação (alternância de preposições na regência de um verbo, por exemplo)¹¹ nas línguas ao descrevê-las, realçando sua natureza heterogênea, mas, que, ao mesmo tempo, não enfatiza o estudo das marcas em si, as quais têm grande importância na constituição dos enunciados, talvez justificando até mesmo a alternância entre uma marca ou outra. Neste caso, faz-se necessário um estudo concentrado nas causas e na natureza da variação, estudo esse que a TOPE faz de maneira bem interessante, como vimos no enunciado

¹¹ Podemos citar como exemplo o verbo IR: ir ao sítio, ir no sítio, ir para o sítio. Vale ressaltar que esse conceito de variação é diferente do conceito de variação dado pela TOPE que consiste em famílias parafrásticas, como já dissemos.

estudado em nosso artigo. Ao mesmo tempo, estudos como os da Sociolinguística¹² são de essencial importância para que conheçamos nossa língua, seus dialetos, suas variações para, a partir daí, constatarmos que devemos estudar sua natureza de maneira atenta.

Por fim, se ainda carecemos de práticas reflexivas envolvendo a análise gramatical, é pelo fato de esta se encontrar marcada, não por raciocínios que exploram a atividade – e a criatividade – linguística, mas por sistematizações oriundas de listas de classificação que não são capazes de explicar o processo de construção de sentidos verificados no uso da língua.

Partimos desse pressuposto para elaborar nossa proposta de estudo atual, em que buscamos a natureza da alternância entre *a*, *para* e *em* no português brasileiro por meio da TOPE. Já fizemos um estudo diacrônico detalhado das ocorrências dessas preposições e suas alternâncias com certos verbos; neste momento, buscamos a explicação, a natureza dessa alternância por meio de um estudo minucioso de cada uma delas, como fizemos com a marca *para*, neste trabalho, no qual estudamos as operações que ela suscita no enunciado, não sendo apenas mais um dado daquele enunciado, mas, antes de tudo, um constructo. A preposição não é passiva, ou seja, não as alternamos aleatoriamente quando falamos e/ou escrevemos. Como vimos, ela suscita uma série de operações mentais que nos levam a preferir uma a outra(s). Esse resultado latente neste estudo sobre a marca *para* poderá, por hipótese, ser reforçado quando trabalharmos enunciados com as outras duas marcas, acima citadas, que com alternam situações de uso..

A resposta que encontrarmos nessa busca pela natureza da alternância entre *a*, *para* e *em* será, indubitavelmente, um ganho para a linguística e uma amostra de como duas metodologias (a Sociolinguística e a TOPE, por exemplo) podem ser trabalhadas em conjunto de maneira harmoniosa e proveitosa, auxiliando-nos na busca de respostas ainda tão obscuras no campo das preposições. Assim, o trabalho que acabamos de apresentar em forma de artigo é apenas uma parte de uma proposta mais ampla. Parte esta, sem dúvida, muito importante, porque, a partir desse contato com a TOPE, pudemos às operações de linguagem e à natureza do processo de produção de enunciados a partir de uma única preposição, o que nos permite concluir que as listas que têm sido formadas para descrever o funcionamento das preposições devem ser repensadas, dado o importante e ativo papel dessas marcas na constituição dos enunciados.

¹² Citamos a Sociolinguística por já termos trabalhado com tal metodologia, mas, poderíamos citar outras, do Funcionalismo, por exemplo.

GONÇALVES, Paula de Souza. The preposition “para” and the reference process. **Revista do Gel**, São Paulo, v. 5, n. 2, p. 67-88, 2008.

ABSTRACT: *The aim of this work is to provide new insight into the use of the preposition “para” through the analysis of examples extracted from a corpus from São Paulo State newspapers. We take the Theory of Enunciative and Predicative Operations (TOPE) and the reference phenomenon as a basis. Our main goal is to analyze the functions of “para” in different contexts and the implications of its use, thereby contributing to the development of an enunciative grammar of the Portuguese language. We conclude that the definition of “para” points to an abstract mechanism that, on the one hand, delimits its context of insertion by supplying the conditions under which the preposition may be verified in discourse, but, on the other hand, is configured by this very discourse. Our study leads to reflections of great import for prepositional semantics because it allows us to understand the way in which the effective integration between grammatical definition and linguistic use occurs.*

KEYWORDS: *Preposition para. Enunciative Operations. Utterance. Antoine Culioli.*

Referências

- BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.
- BORBA, F. S. **Sistema de preposições em português**. 1971. 230 f. Tese (Livro Docência) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, São Paulo, 1971.
- BORILLO, A. et al. **Variations sur la référence verbale**. Paris: Cahiers Chronos, 1998.
- CADIOT, P. **De la grammaire à la cognition: la préposition pour**. Paris: Centre National de la Recherche Scientifique, 1991.
- CÂMARA JR., J. M. **Estrutura da língua portuguesa**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1970.
- _____. **História e estrutura da língua portuguesa**. 4. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1985.
- CEGALLA, D. P. **Novíssima gramática da língua portuguesa**. São Paulo: Ed. Nacional, 1978. p. 175-271.
- CULIOLI, A. **Transcription du séminaire de D.E.A. – 1975-1976**. Paris: Université de Paris VII. D.R.L., 1976. 270 p.

_____. **Pour une linguistique de l'énonciation: formalisation et opérations de repérage.** t.2, Paris: Ophrys, 1999.

_____. **Pour une linguistique de l'énonciation: opérations et représentations.** 2. ed. t. 1. Paris: Ophrys, 2000.

_____. **Variations sur la linguistique.** Entretien avec Frédéric Fau – KlincKsieck, 2002.

CUNHA, C; CINTRA, L. **Gramática do português contemporâneo.** Belo Horizonte: Bernardo Álvares S.A., 1970. p. 377-390.

DIAS, N. B. As cláusulas de finalidade. **Sínteses**, Campinas, v. 7, p. 107-119, 2002.

Folha de São Paulo, 17 de março de 2007.

FRANCHI, C. Mas o que é mesmo gramática?. **Língua Portuguesa: o currículo e a compreensão da realidade**, Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas, São Paulo, p. 54, 1991.

FRANCKEL, J. J. ; PAILLARD, D. **Grammaire des prépositions.** Paris: Ophrys, 2007.

GONÇALVES, P. S. **Variação em complementos de verbos de movimento no português paulista do século XX.** RELATÓRIO final apresentado ao PIBIC-UNESP/CNPq. Araraquara, 2004.

_____. **Variação em complementos de verbos de transferência no português paulista do século XX.** RELATÓRIO final apresentado à FAPESP. Araraquara, 2005.

_____. **A preposição PARA e o processo de construção referencial.** 2008. 114 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Ciências e Letras, UNESP, Araraquara, 2008.

LOPES, M.C.R. Estudo semântico do pretérito perfeito: variações interpretativas e regularidade de funcionamento. In: ONOFRE, M. B.; REZENDE, L. M. (Org.). **Linguagem e línguas naturais** – Diversidade experiencial e linguística. São Carlos: Pedro & João Editores, 2006. p. 23-39.

MATHEUS, M. H. M. **Gramática da língua portuguesa.** 4. ed. Lisboa: Caminho S.A. Série: Linguística, 1989.

MONTEIRO, J. L. **Para compreender Labov.** Petrópolis: Vozes, 2000.

NEVES, M. H. M. **Gramática de usos do português.** São Paulo: Ed. UNESP, 2000. p. 691-701.

_____. **A gramática: história, teoria e análise, ensino.** São Paulo: Vozes, 2002.

REZENDE, L. M. Gramática e ensino de língua. **Estudos gramaticais**, Araraquara, n. 1, ano III, Série Encontros, UNESP, p. 132-154, 1989.

_____. **Léxico e gramática:** aproximação de problemas linguísticos com educacionais. 2000. 330f. Tese (Livre Docência em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, UNESP, Araraquara, 2000.

_____. Operações da linguagem e algumas construções nominais. **Alfa**, São Paulo, v. 46, p. 11-127, 2002.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística.** São Paulo: Ática, 2002.

VIGNAUX, G. **Entre linguistique et cognition:** des problématiques de l'énonciation à certains développements tirés de l'œuvre d'Antoine Culioli. In: BOUSCAREN, J.; FRANCKEL, J. J. Paris: [s.n.], 1955. p. 565-582.